11

Da Casa ao Lar: arquitecturas de habitação na cidade de Évora entre a Baixa Idade Média e o início da Modernidade. Apresentação de um Projecto de Doutoramento em História da Arte.

Silvana R. Vieira de Sousa[1]
Universidade de Évora

Resumo

Esta tese pretende ser uma reflexão sobre a(s) arquitectura(s) de habitação na cidade de Évora entre o final da Idade Média e o início da Modernidade , assentando em dois eixos principais de investigação: a vertente material, da arquitectura - a casa enquanto estrutura física, com materiais, disposições e formas próprias - e a vertente imaterial, a da domesticidade e vivência do espaço - a casa enquanto lar, local onde se vive a familiaridade, mas também onde se trabalha e se cruzam funções. Para o efeito, propõe-se enquadrar cronologicamente este estudo no período entre os reinados de D. Duarte e D. João III.

Palavras-chave

Arquitectura; casa; medieval; quinhentista; Évora

Abstract

This thesis intends to be a reflection on the housing architecture(s) in the city of Évora between the late Middle Ages and the beginning of Modernity, based on two main research axes: the material aspect of architecture - the house as a physical structure, with its own materials, dispositions and forms - and the immaterial aspect, that of domesticity and living space - the house as home, where familiarity is lived, but also where one works and intersects functions. To this end, it is proposed to frame this study chronologically in the period between the reigns of D. Duarte and D. João III.

Keywords

Architecture; house; medieval; 16th century; Évora

APRESENTAÇÃO DO TEMA, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

Este projecto de doutoramento propõe-se estudar as arquitecturas de habitação e o espaço doméstico em Évora, entre o fim da Idade Média e o início do período Moderno, sendo a cronologia proposta entre os anos de 1433 e de 1557.[2] Esta baliza temporal surge definida, primeiramente, em função das Fontes, mas também devido ao

[1] Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/147018/2019), doutoranda em História da Arte na Universidade de Évora e membro do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA).

[2] Este projecto conta com a orientação do Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues (U. Évora) e com a coorientação da Professora Doutora Luísa Trindade (U. Coimbra). O que se apresenta neste texto é reflexo do estado da investigação aquando do XI Workshop de Estudos Medievais, em Abril de 2019, e ainda que a mesma tenha avançado nos meses seguintes, optei por não acrescentar novos dados e cingir-me à informação recolhida até à data.

"período de ouro" da cidade de Évora, onde se assistiu a uma renovação urbana, arquitectónica, cultural e artística, e ainda por se enquadrar num período de transição, entre as épocas a que chamamos Medieval e Moderna. É, não só, mas também, através do estudo destes mesmos espaços de transição - seja ela temporal, cultural, histórica ou social - que é possível retirar informação verdadeiramente rica e completa. Enquanto historiadores de uma qualquer disciplina (ou aspirantes a isso), estamos pré-formatados para dividir o tempo em categorias: Antigo, Medieval, Moderno, Contemporâneo... quando, na verdade, sabemos que a passagem do tempo e a sua manifestação nas várias áreas que compõem a vida humana não é assim tão linear, havendo, por isso, ainda muito caminho a percorrer na sua investigação.

Esta escolha justifica-se também com o crescimento acentuado da cidade de Évora neste período, no qual passou de uma cidade de importância regional para uma quase capital na qual a Corte estanciava por longos períodos. O início do período em estudo coincide com o reinado de D. Duarte, rei responsável por importantes alterações urbanas na cidade - como o loteamento da Cerca Velha, desmilitarizando-a; o início da edificação do Paço dos Estaus, na actual Praça do Giraldo; e o prosseguimento das obras do Paço Real de S. Francisco - prolongando-se até ao fim do reinado de D. João III, que coincide com o terminar deste período áureo de Évora, que em poucos anos viria a conhecer um processo de perda de relevância, agravado pela União Ibérica e que não conseguiu ser contrariado pela fundação da Universidade nem pela elevação da diocese de Évora a arquidiocese. Este desenvolvimento urbano reflecte-se no volume documental preservado, muitíssimo superior ao dos séculos anteriores, permitindo uma análise detalhada dificilmente possível para períodos prévios.

Mais ainda, e sendo a casa urbana baixo-medieval e quinhentista o tópico principal desta pesquisa, toma-se como localização privilegiadao estudo de arquitecturas no perímetro intramuros da cidade de Évora, dentro da chamada Cerca Nova [ver imagem 1]. Isto mesmo tem em conta que após a construção da Cerca Nova, em meados do século XIV, Évora torna-se uma cidade sem arrabaldes, havendo uma distinção clara entre o espaço urbano dentro de muralhas e o espaço rural que se inicia do outro lado da estrutura amuralhada. Assim, esta será a circunscrição espacial mais coerente para o estudo da casa urbana que se propõe realizar.

Neste sentido, os objectivos principais deste trabalho passam por:

- Reflectir sobre três vertentes: a materialidade da casa, a imaterialidade do espaço doméstico, e as formas de divulgação e valorização patrimonial destes objectos de estudo;

- Clarificar conceitos: casa, casa urbana, casa de morada, casa corrente, privado *versus* público, entre outros;
- Compreender as técnicas, formas e materiais nas suas linhas de longas continuidades e eventuais rupturas;
- Entender como se organizava a casa na cidade de Évora na cronologia abordada, articulando o espaço com o próprio ritmo da cidade e da sua evolução urbana;
- Criar um registo organizado, contemplando a tipologia, organização, materiais e localização das casas baixo-medievais urbanas eborenses;
- Confrontar os registos documentais com a materialidade existente, promovendo a sua identificação e valorização patrimonial;
- Questionar o papel da arquitectura vernacular e corrente no mundo actual como elemento de memória colectiva e de identidade de uma população;
- Sublinhar a importância das abordagens multidisciplinares para o entendimento completo de um tema; neste caso em concreto, aliar a História da Arte à Arquitectura, à História, à Arqueologia, à Antropologia ou ainda, à Sociologia;
- Incentivar o interesse e a participação da comunidade sobre a qual este estudo se debruça pela arquitectura de habitação e pela sua promoção;
- Evidenciar o papel da região do Alentejo, e em particular da cidade de Évora, como local de um vasto património material e cultural, ao nível nacional e internacional.

ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Quando se escreve sobre cidades medievais, compreensivelmente, é quase certo referir-se a casa como parte delas e dedicar-lhe um capítulo ou uma pequena parte do todo. A história da casa e da unidade doméstica urbana surgiu timidamente em Portugal ainda nos anos 60, avançando depois já no início dos anos 80, como testemunham o trabalho de Vítor Pavão dos Santos[3] e de A. H. de Oliveira Marques.[4] Com a renovação historiográfica do pós-25 de abril, a história da materialidade e do urbanismo medieval passa a cruzar-se ativamente com a história socioeconómica, sendo as décadas de 90 e dos anos 2000 marcados por uma vaga de trabalhos dedicados ao estudo de núcleos

[3] Vítor Pavão dos Santos, *A casa no Sul de Portugal na transição do século XV para o XVI*, dissertação de licenciatura apresentada à Universidade de Lisboa (Lisboa, 1964).
[4] A. H de Oliveira Marques, "A Casa" *in Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. 6ª edição (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), (primeira edição de 1981).

urbanos portugueses medievais, constituindo, em boa parte dos casos, teses e dissertações apresentadas pelos respetivos autores.

Entre estes trabalhos destacam-se, pela dimensão, metodologia e resultados, os de Maria da Conceição Falcão Ferreira,[5] Luísa Trindade,[6] Ângela Beirante,[7] Amélia Aguiar Andrade,[8] Sílvio Conde,[9] ou Iria Gonçalves.[10] No que diz respeito aos trabalhos dedicados ao urbanismo, arquiteturas e arqueologia medievais de Évora, além do já referido trabalho de Ângela Beirante, vale a pena referir o trabalho de Ana Maria de Mira Borges,[11] pelo fôlego e abrangência, ainda que, mais uma vez, a casa, as arquiteturas de habitação e o estudo da domesticidade medieval de Évora permaneçam praticamente por explorar.

Todavia, sensivelmente desde 2010, o investimento na temática parece ter abrandado em Portugal, senão mesmo ter sido interrompido, abrindo-se aqui uma janela para uma possível actualização e renovação metodológica. Esta convicção é reforçada pelo cenário que existe além-fronteiras.

No que toca à historiografia internacional, o desenvolvimento tem sido forte e muito direcionado para o estudo integrado do espaço doméstico, nas suas vertentes material e imaterial. Para isso, recorre-se ao estudo das mentalidades, da arqueologia e da arqueologia da arquitectura, através de equipas multidisciplinares, nas quais a História da Arte ocupa um lugar privilegiado na intersecção dos diversos saberes. Nesta

[5] Maria da Conceição Falcão Ferreira, "Construção corrente em Santarém, no século XV: Alguns exemplos" *in Estudos em homenagem a João Francisco Marques* / coord. Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001), 459-473 e "Habitação urbana corrente, no Norte de Portugal medievo", *Morar, tipologia, funções e quotidianos da habitação medieval*, *Media Ætas, Revista de Estudos Medievais* (Ponta Delgada, Patrimonia, 2000/2001).

[6] Luísa Trindade, *A casa urbana em Coimbra dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna* (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2002) e *Urbanismo na Composição de Portugal* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013).

[7] Maria Ângela Rocha Beirante, *Évora na Idade Média*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995).

[8] Amélia Aguiar Andrade, *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima* (Lisboa: Livros Horizonte, 1990).

[9] Manuel Sílvio Alves Conde, *Construir, Habitar: A Casa Medieval* (Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2011), (com informação de textos de anos anteriores compilados).

[10] Iria Gonçalves, "A construção corrente na Beira Interior nos finais da Idade Média". *D. Manuel e a sua época. Actas do III Congresso Histórico de Guimarães*, 3ª Secção - População Sociedade e economia. (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004).

[11] Ana Maria de Mira Borges, *Évora: da Reconquista ao século XVI. Alguns aspectos do desenvolvimento urbano e arquitectura* (Évora: Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Évora, 1998).

linha, e referindo apenas trabalhos produzidos na última década e meia, destacam-se pela proximidade geográfica e cultural, mas também pela utilidade metodológica, autores franceses, ingleses e espanhóis, como Jean Passini,[12] Mª Elena Diéz Jorge e Júlio Navarro Polazon,[13] Agustin Azkarate,[14] Sonia Gutiérrez Lloret,[15] Tania Bayard,[16] Maryanne Kowalesky e Peter Jeremy Piers Goldberg,[17] e Sharon R. Steadman,[18] apenas para nomear alguns.

FONTES, METODOLOGIA E PROBLEMAS

Esta investigação desenrola-se em três grandes partes: a do estudo da materialidade da casa, a da imaterialidade do espaço doméstico, e, ainda, da identificação e valorização das eventuais sobrevivências arquitectónicas do período em estudo presentes hoje na cidade.

Relativamente à primeira parte, o grande objectivo é conseguir apurar de que forma a casa se organizava no espaço urbano, que técnicas e materiais eram aplicados na sua construção e manutenção, procurar possíveis padrões de dimensão e forma, mas também perceber se haveria variações entre as tipologias construtivas em diferentes zonas da cidade. Para o efeito, toma-se como fonte privilegiada a documentação sobre a propriedade do Cabido da Sé de Évora, preservada no Arquivo da Sé, escolhida devido à localização de bens por todo o espaço urbano e à variedade de tipologias de casas. A análise desta documentação é pensada da seguinte forma: Livros de Registo de Propriedades e Direitos - para a compreensão do volume e tipologia de bens do Cabido; Livros de Escrituras - para entender como se efectivava o usufruto e a posse da

[12] Jean Passini (coord. de), *La Ciudad Medieval: De La Casa al Tejido Urbano,* actas do primeiro Curso de Historia e Urbanismo Medieval organizado pela Universidade de Castilla-La Mancha (Toledo: Universidad de Castilla-La Mancha, 2001).
[13] Mª Elena Diéz Jorge e Julio Navaro Polazón; (eds.), *La Casa Medieval en la Península Ibérica* (Madrid: Sílex Ediciones, 2015).
[14] Agustin Azkarate Garai-Olaun, "La construcción y lo construído. Arqueología de la Arquitectura*" in La Materialidad de La Historia: la arqueología en los inicios del siglo XXI* (Madrid: Akal, 2013), 271-298.
[15] Sonia Gutiérrez Lloret, "Formas de habitar en el temprano al-Andaluz. Significado social del espacio doméstico*"*, *International Workshop from domestic structure to social life. Archaeological readings of social use of space* (2012) e "Gramática de la casa. Perspectivas de análisis arqueológico de los espacios domésticos medievales en la península Ibérica (siglos VII-XIII)", *Arqueología de la Arquitectura*, nº9, Janeiro-Dezembro (2012):139-164.
[16] Tania Bayard, *A Medieval Home Companion: Housekeeping in the Fourteenth Century* (New York: Harper Collins Publishers, 1991).
[17] Maryanne Kowaleski e P. J. P. Golberg, *Medieval Domesticity: Home, Housing and Household in Medieval England* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008).
[18] Sharon R. Steadman, *Archaeology of Domestic Architecture and the Human Use of Space* (New York: Routledge, 2016).

propriedade; Livros de Acordãos - para acompanhar a manutenção dos bens imóveis. Após a devida "triagem documental" tendo em conta cronologias e tipologias de imóveis, o rol documental a analisar resultou num total de 3 livros de Propriedades e Direitos, 20 Livros de Escrituras, 3 Livros de Acordãos, e 6 Livros de Sentenças.

A segunda parte, referente ao estudo da imaterialidade, apresenta-se como um dos passos mais desafiantes desta investigação, e aqui a análise bibliográfica terá importância acrescida, pelo avanço internacional referido anteriormente, sobretudo no plano conceptual. Esta teorização prévia preparará o estudo de fontes mais fragmentadas, e complementará a primeira parte, percorrendo todos os aspectos da Casa (sobre o construir), até aos do Lar (sobre o habitar). A tipologia de fontes a utilizar será acrescentada com documentação de cariz jurídico e judicial, como ordenações régias, posturas municipais, processos e sentenças, cartas de perdão, entre outras, que revelem contrastes entre o espaço público da rua e do quotidiano, e a dimensão privada (utilizando privado como conceito operativo, numa altura em que ainda é problemático falar em privacidade) da vivência não só familiar, mas também produtiva e comercial que acontece num mesmo espaço - as cartas de perdão, por exemplo, poderão revelar casos concretos de violação dessa dimensão privada, com invasões domiciliares, conflitos entre vizinhos e problemas dentro de uma mesma esfera familiar. Pretende-se assim aceder quer à norma, quer aos testemunhos do quotidiano que a confirmem ou desmintam.

A terceira parte, complementar ao eixo central das duas primeiras acima descritas, apostará no diálogo entre o passado e o presente. Centra-se na recolha fotográfica *in loco*, elencando dois aspectos: a localização de marcas de propriedade do Cabido ainda existentes na cidade de Évora - entenda-se as placas localizadas nos edifícios que apresentam a grafia CABIDO [ver imagem 2] - e, por outro o mapeamento dos vestígios arquitectónicos relacionados com a arquitectura civil medieval e quinhentista que são visíveis nos dias de hoje, como portais, janelas ou pano murário [ver Tabela 1].

Estes vestígios, essencialmente pertencentes àquilo que se convencionou designar como gótico na exercício construtivo, traduzem simbolicamente aquilo que a casa, na sua vertente material, significa para este projecto de doutoramento: como um estilo surgido como um verdadeiro programa cultural na actual França, alguns séculos antes da cronologia que me proponho estudar, se espalha por um vasto território e encontra, em Évora, como noutras paragens, uma nova leitura adaptada às necessidades e disponibilidades do meio e dos homens. Ou ainda, como um estilo erudito se vernacularia no arco apontado da casa de uma rua eborense, e como essa mesma cidade recebe um novo programa cultural e artístico, o do Renascimento, também ele pensado

a centenas de quilómetros e bem-sucedido na medida em que se adopta e adapta. A arte traduz-se em realidade e assume um caráter prático, material, e a casa é também expressão de arte e contentor de quem a lê à sua maneira.

ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO – CAPÍTULOS GERAIS

Tendo presente o que foi escrito anteriormente e indo ao encontro dos objectivos a cumprir, esta é a proposta de organização geral da tese, sujeita, obviamente, a mudanças e alguns ajustes.

- Introdução.
- Estado da Arte.
- Questões metodológicas:

- Caracterização e justificação de Fontes.

- Tempo e espaço: apresentação e justificação dos limites cronológicos e espaciais da investigação.

- *Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros dizem que é baixa*: Problemáticas de investigação.

- PARTE I: Da Casa ao Lar. Entre o visível e o invisível.

- Capítulo I. Da materialidade da Casa: aspectos sobre o construir.

- Capítulo II. Da imaterialidade do Lar: aspectos sobre o habitar.

- PARTE II: *Cada casa um caso*. Arquitecturas de habitação baixo-medievais e quinhentistas eborenses.

- Capítulo III. Tipologias do habitar: caracterização das estruturas analisadas.

- Capítulo IV. Documentação *versus* vestígios *in loco*: uma análise comparativa.

- PARTE III: *Nossa Casa, nosso Lar*. Contributo para a divulgação e valorização patrimonial dos objectos de estudo.

- Capítulo V. A Casa como forma de expressão. População e arquitectura corrente.

- Considerações finais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentadas as linhas gerais deste projecto de doutoramento, referem-se agora algumas inquietações e suspeitas que surgiram com o desenrolar do trabalho, bem como alguns dados já tratados.

No que diz respeito a informação já tratada e analisada, com todos os dados recolhidos, encontra-se o Livro 3 do Registo de Propriedades e Direitos (1543) e o Livro 1 do mesmo Registo de Propriedades e Direitos (1321-1467), encontrando-me agora na análise do Livro 6 (1551-52). Enquanto que o primeiro livro "apenas" forneceu referências indirectas - localização de casas e seus foreiros -, sem uma descrição detalhada de imóveis, o terceiro mostrou-se uma fonte verdadeiramente preciosa para o meu trabalho. Sobre este livro, importa dizer que foi o escolhido para começar esta análise documental por duas grandes razões: o facto da sua escrita e posterior leitura paleográfica ser de maior facilidade, e por ser ele que irá ditar, em grande parte, a base de imóveis em análise, contendo um índice detalhado de toda a propriedade urbana (intramuros) do Cabido da Sé de Évora, fornecendo descrições extremamente completas das suas casas, foreiros, localização e tipologias. No total, a leitura, transcrição e posterior análise paleográfica deste livro [ver imagem 3], originou a entrada de 508 arquitecturas de habitação (entrando aqui também, além das casas, alguns fornos, quintais e chãos, entre outros), demonstrando a potencialidade desta fonte, que será ainda mais evidente quando a conjugar com a informação presente nos restantes livros a analisar.

Poder-se-á tratar este trabalho de um estudo sobre a "casa corrente eborense"? As casas que surgem descritas apresentam quase sempre algum grau de complexidade ou de "aparato", quer pelas suas dimensões, quer pelos materiais utilizados no todo ou em certos elementos arquitectónicos: a casa é descrita quando é digna de nota. Descreve-se o imóvel se este tem algo que o diferencia: uma janela, um portal, ou um telhado de forma particular; e se se dá ênfase a uma casa sobradada, será porque as casas térreas serão a norma, distinguindo-se apenas a câmara (espaço mais recatado mas ainda assim, não necessariamente privado ou íntimo) da casa dianteira (normalmente aberta para a rua).

É a casa comum, a que se edifica consoante a necessidade e possibilidade de cada um, que preenche a cidade, que a molda na sua forma e que nos oferece uma noção mais aproximada de como seria o dia-a-dia dos homens de uma qualquer urbe. As próprias mudanças do tempo reflectem-se em mudanças na materialidade da casa e na vivência doméstica, e a diferença social e complexidade da vida urbana implicam usos distintos

da casa, quer na organização do espaço, quer na articulação com o exterior. Évora, à semelhança de outras localidades portuguesas, é ainda exemplo disso, e conserva dentro de si, das suas casas e estabelecimentos comerciais actuais, apontamentos materiais do que a cidade, e em particular a casa, foi em tempos passados. Para o comprovar, basta apenas ao curioso interessado olhar com mais atenção para o interior dos lotes urbanos, ou para os próprios arruamentos da cidade, para encontrar vários elementos remanescentes e exemplos da sua memória material [ver imagem 4].

Num mundo onde a produção e consumo do conhecimento imediato e de pouca profundidade parece ser norma, cabe a nós investigadores, e em particular às Universidades, criar ferramentas e meios para estimular o gosto pela procura e partilha de conhecimento, tentando, sempre que possível, criar uma rede de pesquisa que produza conteúdos para a Academia, mas que não se feche nela. Não será descabido acreditar que é verdadeiramente fulcral envolver as comunidades sobre as quais se trabalha, alertando-as para os assuntos que estão a ser desenvolvidos e criando assim, por outro lado, a noção de Património, permitindo reflectir sobre o que podemos fazer para o preservar e divulgar. O estudo sobre as arquitecuras de habitação do passado, em particular da eborense, é assim um tema relativamente fácil de compreender e capaz de suscitar interesse, mais que não seja porque elas são parte fundamental de qualquer cidade, e todos nós, enquanto Humanidade, mantemos a necessidade de abrigo, de casa e de lar.

Resumindo esta breve apresentação do projecto, a ideia que se espera ver conseguida é a de que, partindo da dimensão teórico-crítica sobre "a casa" enquanto conceito(s), se apresente um estudo científico sobre a mesma, com uma periodização e um local específico, onde se alie a informação documental, bibliográfica, técnica e conceptual. O intuito será assim o de obter um produto final que almeja ser, além de um trabalho científico rigoroso e sério, uma ferramenta na compreensão, preservação e divulgação de parte do vasto património material e cultural da cidade de Évora. É este o desafio.

ANEXOS

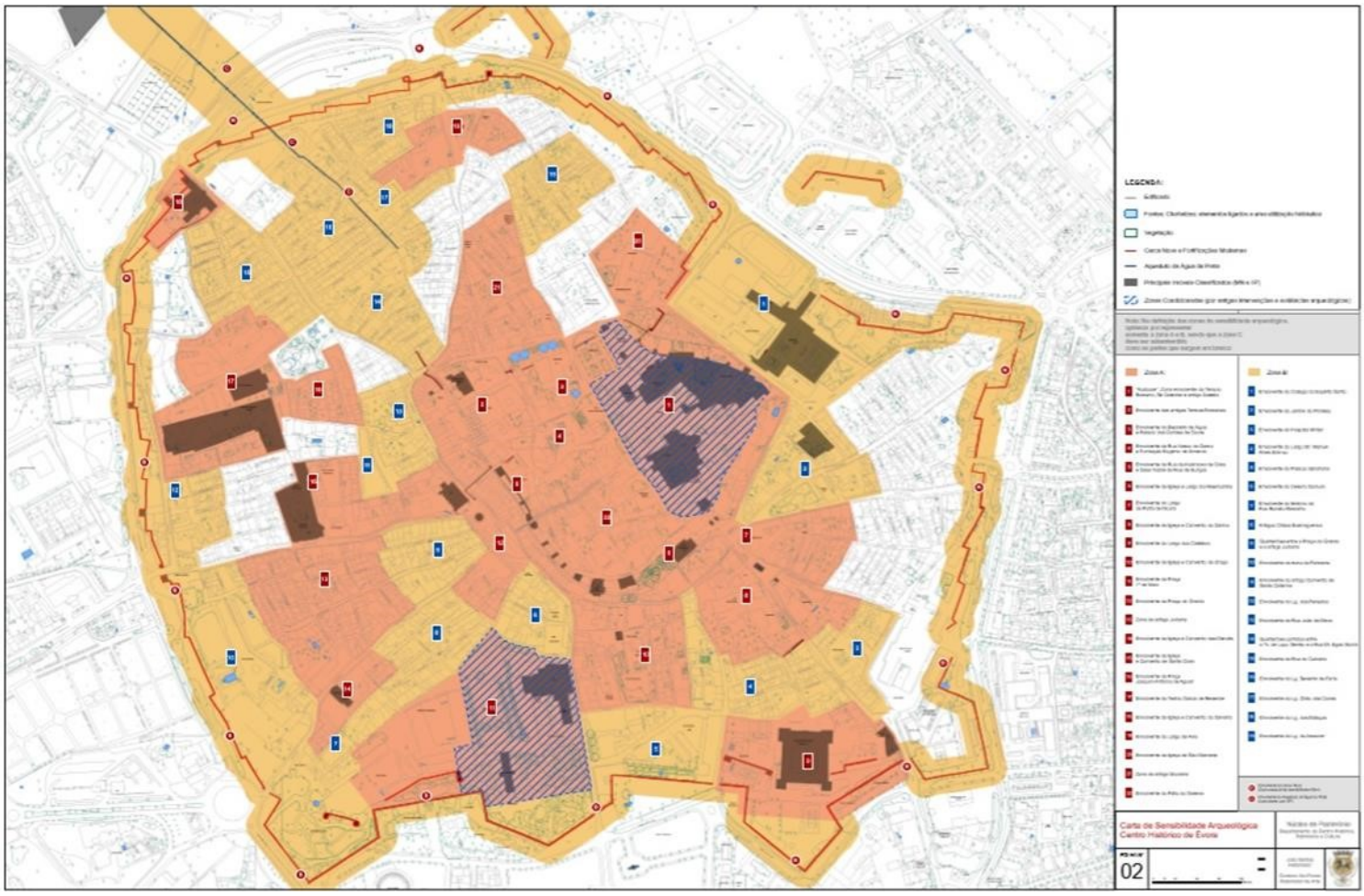
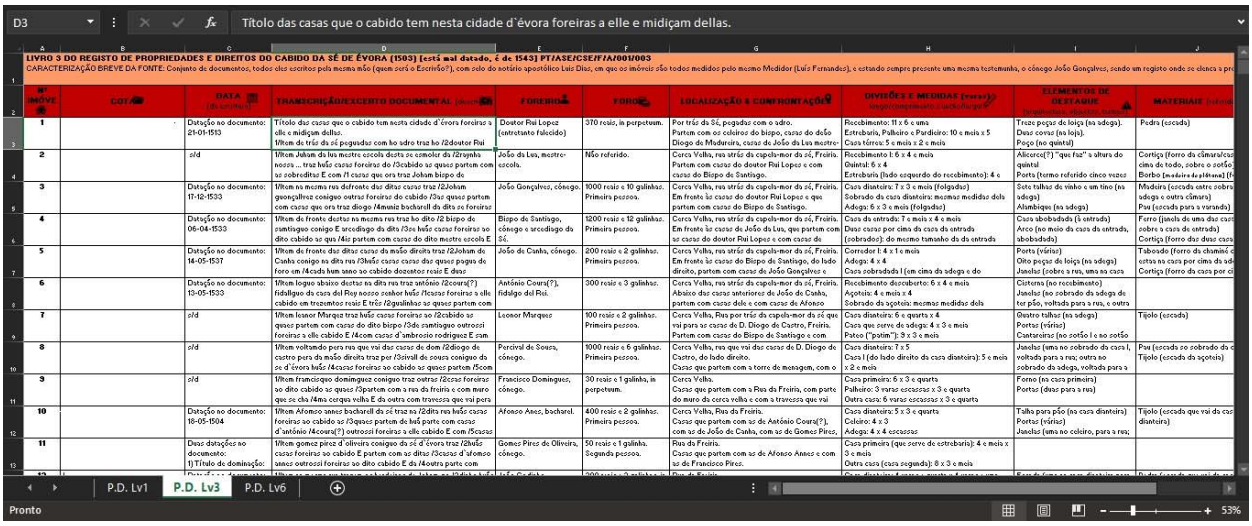


Imagem 1 – Carta de Sensibilidade Arqueológica, Centro Histórico de Évora. Núcleo de Património, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura. Câmara Municipal de Évora.

Imagem 2 – Placa de identificação de propriedade do Cabido, Travessa das Contreiras, Évora. Fotografia da autora, 2019.



LIVRO 3 DO REGISTO DE PROPRIEDADES E DIREITOS DO CABIDO DA SÉ DE ÉVORA (1503) [está mal datado, é de 1543] PT/ASE/CSE/FF/A/001/003

CARACTERIZAÇÃO BREVE DA FONTE: Conjunto de documentos, todos eles escritos pela mesma mão (quem será o Escrivão?), com selo do notário apostólico Luis Dias, em que os imóveis são todos medidos pelo mesmo Medidor (Luís Fernandes), e estando sempre presente uma mesma testemunha, o cónego João Gonçalves, sendo um registo onde se elenca a pr

Nº IMÓVEL	COTA	DATA	TRANSCRIÇÃO/EXCERTO DOCUMENTAL	FOREIRO	FORO	LOCALIZAÇÃO & CONFRONTAÇÕES	DIVISÕES E MEDIDAS	ELEMENTOS DE DESTAQUE	MATERIAIS
1		Datação no documento: 21-01-1513	Título das casas que o cabido tem nesta cidade d'évora foreiras a elle e midiçam dellas. 1Item de três de pé pegadas com ho sobr trse ho /2dootor Rui	Doutor Rui Lopez (entretanto falecido)	370 reais, in perpetuum.	Por trás da Sé, pegadas com o adro. Partem com os celeiros do bispo, casas do dcão Diogo de Madureira, casas de João da Lus mestre-	Rescibimento: 11 x 6 c uma Estrebaria, Palheiro e Pardieiro: 10 c meia x 5 Casa térrea: 5 c meia x 2 c meia	Treze pegas de loiça (na adega). Doze corse (na loja). Poço (no quintal)	Pedra (escada)
2		s/d	1Item Joham du lus mestre escola dostra ec somolar du /2rsynha nouva ... trse hoũe casse foreirse do /3cabido se quoss partem com se sobreditse E com /1 casse que ora trse Joham bispo do	João du Lus, mestre-escola.	Não referido.	Casa Velha, rua atrás da capela-mor da sé, Freiria. Partem com casse do doutor Rui Lopez e com casse do Bispo de Santiago.	Rescibimento I: 6 x 4 c meia Quintal: 6 x 4 Estrebaria (lado esquerdo do rescebimento): 4 c	Alicorce(?) "que faz" a altura do quintal Portа (termo referido cinco vezes	Cortiça (forro da câmara/cas cima de todo, sobre o sotão) Barbo (madeira da plateia) (f
3		Datação no documento: 17-12-1533	1Item na mesma rua defronte dse ditse casse trse /2Joham guongallvse conigso ostrse foreirse do cabido /3se quoss partem com casse que ora trse diogo /4mniz bacharell du ditse ro foreirse	João Gonçalves, cónego.	1000 reais e 10 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, rua atrás da capela-mor da sé, Freiria. Em frente às casse do doutor Rui Lopez e que partem com casse do Bispo de Santiago.	Casa dianteira: 7 x 3 c meia (folgadas) Sobrado da casa dianteira: mesmas medidas dela Adega: 6 x 3 c meia (folgadas)	Sete talhas de vinho e um tino (na adega) Alambiques (na adega)	Madeira (cascata entre sobra adega e outra câmara) Pau (escada para a varanda)
4		Datação no documento: 06-04-1533	1Item de fronte dostas na mesma rua trse ho ditse /2 bispo do santiguso conigo E arcedingo da ditse /3se hoũe casse foreirse so dito cabido se qus /4ie partem com casse do dito mestre escola E	Bispo de Santiago, cónego e arcedisgo da Sé.	1200 reais e 12 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, rua atrás da capela-mor da sé, Freiria. Em frente às casse do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casse do João Gonçalves e com casse do doutor Rui Lopez e com casse de	Casa da entrada: 7 c meia x 4 c meia Duas casse por cima da casa da entrada (sobrados): do mesmo tamanho da da entrada	Casa abobadada (à entrada) Arco (no meio da casa da entrada, abobadada)	Ferro (janela da uma das casa sobre a casa de entrada) Cortiça (forro das duas casa
5		Datação no documento: 16-05-1537	1Item de fronte das ditse casse da mão direita trse /2Joham da Cunha conigo na ditse rua /3hoũe casse casse duz quoss pegas do foro em /4cada hum anno ao cabido dozentos reais E duas	João da Cunha, cónego.	200 reais e 2 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, rua atrás da capela-mor da sé, Freiria. Em frente às casse do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casse do João Gonçalves e	Corredor I: 4 x 1 c meia Adega: 4 x 4 Casa sobradada I (em cima da adega e do	Porta (vidrisa) Oito pegas de loiça (na adega) Janelas (sobre a rua, uma na casa	Tabeado (forro da chamin cortas na casa por cima da ad Cortiça (forro da casa por ci
6		Datação no documento: 13-05-1533	1Item logue abaixo dostas na dita rua trse antónio /2cours(?) fidallguo da casa del Rey nosso senhor hoũe /3casse foreirse o ille cabido em trezentos reais E trẽe /4galinhas se quoss partem com	António Cours(?), fidalgo del Rei.	300 reais e 3 galinhas.	Casa Velha, rua atrás da capela-mor da sé, Freiria. Abaixo das casse anteriores de João da Cunha, partem com casse dele e com casse de Afonso	Rescibimento descoberto: 6 x 4 c meia Açoteia: 4 c meia x 4 Sobrado da açoteia: mesmas medidas dela	Cisterna (no rescibimento) Janelas (no sobrado da adega de tor pão, voltada para a rua, e outra	
7		s/d	1Item leanor Marque trse hoũe casse foreirse so /2cabido se quoss partem com casse do dito bispo /3do santiguo outrossi foreirse o ille cabido E /4com casse d'ambrosio rodriguse E com	Leonor Marques	100 reais e 2 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, Rua por trás da capela-mor da sé que vai para as casse de D. Diogo de Castro, Freiria. Partem com casse do Bispo de Santiago e com	Casa dianteira: 6 c quarta x 4 Casa que serve de adega: 4 x 3 c meia Pateo ("patim"): 3 x 3 c meia	Oestro talhas (na adega) Portas (vidrisa) Cantareiras (no sotão I e no sotão	Tijolo (escada)
8		s/d	1Item voltando para nas que vai dse casse de dom /2diogo de castro para da mão direita trse por /3ciral de soues conigso da se d'évora hoũe /4casas foreirse so cabido se quoss partem /5com	Perciral de Soues, cónego.	1000 reais e 6 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, rua que vai das casas de D. Diogo de Castro, do lado direito. Casas que partem com a torre de menagem, com o	Casa dianteira: 7 x 5 Casa I (do lado direito da casa dianteira): 5 c meia x 2 c meia	Janelas (uma no sobrado da casa I, voltada para a rua; outra no sobrado da adega, voltada para a	Pau (escada ao sobrado da c Tijolo (escada da açoteia)
9		s/d	1Item francisqso domingues conigso trse ostrse /2casa foreirse so dito cabido se quoss /3partem com a rua da freiria e com muro que se cha /4ma corga velha E da outra com travessa que vai para	Francisco Domingues, cónego.	30 reais e 1 galinho, in perpetuum.	Casa Velha. Casse que partem com a Rua da Freiria, com parte do muro da cerca velha e com a travessa que vai	Casa primeira: 6 x 3 c quarta Palheiro: 3 varas escassas x 3 c quarta Outra casa: 6 varas escassas x 3 c quarta	Forno (na casa primeira) Portas (duas para a rua)	
10		Datação no documento: 18-05-1504	1Item Afomso annes bacharell da sé trse na /2dita rua hoũe casse foreirse so cabido se /3quoss partem de hoũ parte com casse d'antónio /4cours(?) outrossi foreirse o ille cabido E com /5casas	Afonso Anes, bacharel.	400 reais e 2 galinhas. Primeira pessoa.	Casa Velha, Rua da Freiria. Casse que partem com as de António Cours(?), com as de João da Cunha, com as de Gomez Pirez,	Casa dianteira: 5 x 3 c quarta Celeiro: 4 x 3 Adega: 4 x 4 escassas	Talha para pão (na casa dianteira) Portas (vidrisa) Janelas (uma no celeiro, para a rua;	Tijolo (escada que vai da cas dianteira)
11		Duas datações no documento: 1) Título de dominação:	1Item gomez pirez d'olivsira conigso da sé d'évora trse /2hoũe casse foreirse so cabido E partem com as ditas /3casas d'afomso annes outrossi foreirse so dito cabido E da /4outra parte com	Gomez Pirez de Oliveira, cónego.	50 reais e 1 galinha. Segunda pessoa.	Rua da Freiria. Casse que partem com as de Afonso Annes e com as de Francisco Pirez.	Casa primeira (que serve de estrebaria): 4 c meia x 3 c meia Outra casa (casa segunda): 8 x 3 c meia		

P.D. Lv1 | P.D. Lv3 | P.D. Lv6

Pronto 53%

Imagem 3 – Tabela Excel com os dados recolhidos da documentação analisada até à data. Aqui em destaque, a informação relativa ao Livro 3 do Registo de Propriedades e Direitos do Cabido da Sé de Évora.

Pormenor de um vão com arco apontado. Rua da Viola, Évora. Fotografia da autora.

Placa de identificação de propriedade do Cabido, Beco da Travessa do Pocinho, Évora. Fotografia da autora.

Pormenor de pano murário/suporte, Travessa do Sol, Évora. Fotografia da autora.

Imagem 4 – Alguns exemplos de elementos remanescentes na cidade de Évora. Fotografias da autora, 2019.

Arruamento	Placas de identificação	Vestígios
Alcárcova de Baixo	0	-
Alcárcova de Cima	0	Possível janela (em ruína) quinhentista - namoradeira - sobre pano de muralha.
Beco da Forçada	0	Dois portais com arcos apontados
Beco das Ramalhas	0	-
Beco dos Açurares	0	Estrutura (possível)
Largo Alexandre Herculano	0	Dois portais com arco apontado.
Largo Luís de Camões	0	Arcaria quatrocentista.
Largo da Misericórdia	0	Solar de Monfalim.
Largo/Fonte das Portas de Moura	0	Janela exterior, pano murário e alguns vãos no interior dos edifícios, e dois cachorros figurados; + o edifício nº26
Largo de S. Domingos	0	Dois paços quinhentistas.
Largo de S. Miguel	0	-
Largo do Chão das Covas	0	Aqueduto.
Largo/Travessa dos Estaços	0	-
Largo dos Mercadores	0	Portal com arco apontado, parcialmente embutido no edifício.
Rua da Cal Branca	0	-
Rua da Freiria de Cima	0	-
Rua da Freiria de Baixo	2	Dois portais com arco apontado, e um arco de suporte na rua.
Rua da Graça	0	-
Rua Dom Augusto Eduardo Nunes	1	Um portal com arco apontado.
Rua da Moeda	6	Quatro portais com arco apontado, três portais de vão recto, e uma janela possivelmente quinhentista.
Rua da Mostardeira	0	-
Rua da Oliveira	1	-
Rua da Palmeira	0	-
Rua da Trindade	0	Um portal com arco apontado.
Rua das Amas do Cardeal	0	-
Rua das Donzelas	0	-
Rua das Galvôas	0	-
Rua das Nobres	0	-
Rua de Alcoutim	1	Um portal de vão recto (pertencente a um lote entre esta rua e a da Moeda), e uma cantareira (sem datação certa).
Rua de Avis	0	Dois portais em vão recto, em lotes diferentes; um deles apresenta um brasão de armas (?).
Rua de Burgos	0	-
Rua de Diogo Cão	0	-
Rua de Dona Isabel	0	-
Rua de Frei Brás	0	Um portal com arco apontado e um outro com vão recto.
Rua de Machede	0	Um portal com arco apontado, e dois parcialmente embutidos nos respectivos edifícios, um com arco apontado e outro com vão recto.
Rua de Mendo Estevens	0	Portal com arco apontado.

Rua de Pedro Simões	0	Parte de portal com arco apontado (vão).
Rua de S. Cristovão	0	Uma janela quinhentista.
Rua de S. Manços	1	Um portal com arco apontado e uma gárgula.
Rua de Santa Catarina	0	-
Rua de Santa Maria	3	Um portal de vão recto e uma janela quinhentistas no mesmo lote, e outro portal de vão recto noutro lote.

Rua de Soeiro Mendes	0	-
Rua de Valdevinos	1	-
Rua de Vasco da Gama	0	Duas janelas possivelmente quinhentistas no mesmo edifício.
Rua do Alfaiate da Condessa	1	Um portal com arco apontado.
Rua do Alfeirão	0	Parte de um vão recto (lintel).
Rua do Armeiro	0	-
Rua do Capado	0	Um portal com arco apontado, e parte de um outro, noutro lote (arranque de vão).
Rua do Cenáculo	1	Duas gárgulas.
Rua do Cabo	0	-
Rua do Cano	0	Um portal de vão recto possivelmente quinhentista, outro portal quinhentista decorado, e um outro com arco apontado (lote no cruzamento entre esta rua e a das Amas do Cardeal).
Rua do Escudeiro da Roda	0	-
Rua do Imaginário	0	-
Rua do Lagar do Cêbo	0	-
Rua do Muro	0	-
Rua do Raimundo	0	Três cachorros, dois portais com arco apontado embutidos nos respectivos edifícios, e pano murário.
Rua do Salvador Velho	0	Portal com arco apontado.
Rua do Torres	0	-
Rua dos Mercadores	1	Um portal de vão recto recortado e um encaixe de janela.
Rua dos Ramos	0	Um portal com arco apontado.
Rua Dr. Egas Moniz	0	-
Rua Dr. Joaquim Henrique da Fonseca	0	Marca murária de um possível portal com arco apontado.
Rua Cândido dos Reis	0	Várias janelas possivelmente quinhentistas (algumas embutidas no espaço do "M`ar de ar" – janelas deslocadas de outro edifício? S. Domingos?).
Rua Fria	0	Um portal com vão apontado e um outro com vão de volta perfeita.
Rua João de Deus	0	Arcaria quatrocentista.
Rua José Elias Garcia	0	Colunas, arcadas e um portal quinhentista.
Rua Miguel Bombarda	1	Uma janela exterior, um portal exterior com arco apontado, e dois arcos e um portal com arco apontado no interior de um lote.
Rua 31 de Janeiro	0	Um portal com arco apontado transformado em janela de esquadria recta - portal mutilado.
Rua 5 de Outubro	0	Uma janela e pano murário no interior de um lote.

Rua Gabriel Victor do Monte Pereira	0	Dois portais de vão recto, com base esculpida, no mesmo lote.
Rua Nova	0	-
Rua Manuel d`Olival	0	-
Pátio do Salema	0	Uma janela quinhentista.
Praça do Sertório	0	-
Travessa da Alegria	0	-
Travessa da Ana da Silva	0	Um portal com arco apontado, um outro com arco apontado, mas parcialmente embutido no edifício, e outro de vão recto, também parcialmente embutido no edifício.
Travessa da Bola	0	-
Travessa da Cancela	0	Um portal com arco apontado.
Travessa da Bota	1	-
Travessa da Mangalaça	0	-
Travessa da Milheira	1	-
Travessa da Olaria	0	-
Travessa da Parreira	2	-
Travessa da Piçarra	0	-
Travessa da Pomba	0	Portal com arco apontado, caiado.
Travessa da Tamara	0	-
Travessa da Viola	0	Um portal com arco apontado e um outro, parcialmente embutido no edifício, também com arco apontado.
Travessa das Canastras	0	-
Travessa das Casas Pintadas	0	Um portal com arco apontado e uma janela de vão recto (possível).
Travessa das Contreiras	2	Um portal possivelmente quinhentista, e um outro com arco apontado.
Travessa das Damas	0	Portal com arco apontado.
Travessa das Façanhas	0	-
Travessa das Flores	0	-
Travessa das Invernas	0	-
Travessa das Gatas	0	-
Travessa das Pedras Negras	0	-
Travessa de Diogo Botelho	0	Possível vestígio (coluna quinhentista?)
Travessa de Lopo Serrão	0	-
Travessa de Maria de Alter	0	Rede de tijolos (não datada)
Travessa de Roma	0	-
Travessa de S. Joãozinho	0	-
Travessa de Santo André	0	-
Travessa de Sezinando	1	-
Travessa do Afonso de Trigo	1	-
Travessa do André Cavalo	0	Janela quinhentista e dois portais com arco apontado, parcialmente embutidos na parede do imóvel – este imóvel (paço) tem a fachada para o Largo de S. Domingos.
Travessa do Bagulho	0	-
Travessa do Barão	0	Um portal com arco apontado, pano murário - estes dois elementos encontram-se no lote onde estaria localizada a sinagoga -, e um outro portal com arco de volta perfeita e renda de tijolos.

Travessa do Capitão	1	-
Travessa do Diabinho	0	-
Travessa do Lança e Dardo	1	-
Travessa do Loureiro	0	-
Travessa do Mal Barbado	0	-
Travessa do Roque de Pina	1	-
Travessa do Passarinho	0	Um portal com arco apontado.
Travessa do Pão Bolorento	0	Portal com arco apontado, parcialmente embutido no edifício.
Travessa do Pocinho	2	-
Travessa do Serpe	0	-
Travessa do Sol	1	Pano murário.
Travessa do Tavolante	0	-
Travessa dos Beguinos	0	-
Travessa dos Peneireiros	2	-
Travessa dos Vasconcelos	0	-
Travessa Torta	0	-

Tabela 1 – Arruamentos analisados até à data, tendo como limite geográfico o perímetro amuralhado da cidade, aqui indicados com os nomes actuais.